

O FUNK COMO SÍMBOLO DA VIOLÊNCIA CARIOCA

HERMANO VIANNA

texto apresentado no Ciclo de Debates Cidadania e Violência, organizado pela Copea/UFRJ, e publicado no livro Cidadania e Violência, organizado por Gilberto Velho e Marcos Alvito, e lançado pelas Editoras UFRJ e Editora FGV, 2006

Como afirmou Gilberto Velho na conferência que deu início a este Ciclo de Debates, o conflito é parte constitutiva da vida social, em todas as sociedades, sejam elas consideradas simples ou complexas. O equilíbrio, quando há equilíbrio, é sempre momentâneo e precário. Existindo visões de mundo e estilos de vida contrastantes, fatos básicos de toda vida social, o conflito atuará como um pano de fundo, mesmo dos momentos considerados mais "equilibrados" ou "pacíficos".

Tendo essas afirmações como pontos de partida, é possível se perguntar: quando o conflito vai ser visto ou classificado como violento? Pois nem todos os conflitos são considerados violentos. Se assim fosse, a vida social seria particamente inviável, um estado constante de guerra de todos contra todos. Muitas vezes os grupos ou indivíduos em conflito encontram soluções pacíficas para tornar possível, sem acabar o conflito, sua convivência numa mesma sociedade. A vida social pode mesmo ser considerada como essa negociação constante e permanente de diferenças, conflituosas ou não, de todos os tipos.

Outras vezes, o conflito passa despercebido, ou é transformado em segredo. Estudos clássicos sobre o "anonimato relativo" proporcionado pela complexidade sócio-cultural das grandes metrópoles mostram como determinadas diferenças não são percebidas por diferentes grupos sociais e também como o mesmo indivíduo pode participar de vários grupos sociais, alguns deles conflitantes entre si, sem que membros de um grupo tenham conhecimento de sua participação nos outros. Poderíamos ficar horas analisando cada uma dessas situações, mas a questão principal que gostaria de desenvolver no debate de hoje é a seguinte: como um determinado conflito se torna visível para os vários grupos sociais que dele participam e, mais do que visível, passa a visto como violento, sendo tratado como tal pelas instituições encarregadas da segurança da sociedade?

Em sociedades da complexidade da nossa, sabemos que fenômenos que são considerados violentos para determinados grupos não são para outros. Por exemplo: as danças executadas em

shows de música punk podem ser vistas como violentas pelos pais dos adolescentes que dela participam. Mas para esses adolescentes, elas são "apenas" diversão. Um observador sem familiaridade com as negociações do capitalismo contemporâneo pode pensar que, em muitos momentos, o pregão das bolsas de valores se transforma em praça de guerra.

Há alguns casos em que a violência é percebida como tal, mais ou menos consensualmente, por vários grupos sociais, mas essa visão não contamina a totalidade do espaço social onde o acontecimento considerado violento foi gerado. As brigas que ocorreram recentemente em boates freqüentadas pela alta classe média carioca foram reportadas como violentas pelos jornais, mas ninguém falou - pelo menos não gerando algum tipo de consenso - que as boates de classe média são territórios violentos ou produtores de violência. A mesma sorte não teve o circuito de bailes funk do Rio de Janeiro.

De alguma maneira, às vezes até como personagem considerado central, eu acompanhei a transformação do funk carioca em fenômeno acusado de violento. Esta minha intervenção no debate de hoje deve ser considerada como um depoimento pessoal, não muito distanciado, como deveria ser uma análise antropológica. Vejamos, em linhas bem gerais, como tudo aconteceu.

Há um marco na história da relação entre o funk do Rio de Janeiro e o desenvolvimento da percepção da violência (e das causas dessa violência) na vida recente da cidade. Esse marco é bem visível e até mesmo óbvio: trata-se do famoso "arrastão" que aconteceu principalmente na praia do Arpoador, no domingo ensolarado de 18 de outubro de 1992. Tenho dúvidas se aquilo foi mesmo um arrastão. Acho mesmo que foi a tentativa das galeras de diferentes favelas cariocas (vejam bem, não falo galeras de funkeiros) de encenar na areia da praia o "teatro da violência" que inventaram nas pistas de dança das centenas de bailes funk realizados semanalmente em quase todos os bairros da cidade. Penso também que não foi a primeira vez que aquilo aconteceu no Arpoador, uma das praias preferidas por essas galeras. Algumas razões, que desconheço mas imagino que tenham sido políticas (já que o Rio vivia às vésperas de uma eleição municipal na qual Benedita da Silva era apontada como favorita), fizeram com que as imagens da "confusão" da praia repercutissem escandalosamente em todo o Brasil através de uma edição suspeita de vídeo exibida no Fantástico da TV Globo. Alguém precisa estudar o que realmente aconteceu nos bastidores daquela "notícia". Mas seja qual for o resultado de sua pesquisa, nada será suficiente para mudar as imagens que ficaram gravadas na memória urbana carioca: aquilo foi mesmo um perigoso arrastão e os

dançarinos de baile funk, da noite para o dia (como "comprovavam" as manchetes de todos os jornais de segunda-feira), se viram transformados numa espécie de inimigos públicos "número um" pelas forças que queriam encontrar bodes expiatórios para as inumeráveis "crises" que, diziam e ainda dizem, fazem do Rio um fim do mundo social, ou início do fim da própria possibilidade de vida social no mundo.

O arrastão me deu muito trabalho. Não é exagero: praticamente toda semana recebo a ligação de um jornalista querendo marcar uma entrevista sobre funk. Mas pelo menos fui poupado de uma tarefa que considerava um pouco enfadonha e um tanto absurda. Se essa mesa-redonda estivesse acontecendo no período pré-arrastão, eu estaria aqui carregado de gravador, fitas e fotos, para mostrar o que era funk para uma platéia, acadêmica ou não, que geralmente nunca tinha ouvido o som grave "cavernoso" de uma bateria eletrônica e que balbuciava ao pronunciar as duas letras de DJ. Hoje o meu trabalho é muito mais fácil. Meus interlocutores, querendo ou não, passaram por um processo, quase diria violento, de familiarização com sons e imagens provenientes do mundo funk.

Confesso que essa familiarização tirou um pouco do encanto das minhas palestras. Não gostava muito de sair carregando gravadores por aí (principalmente numa cidade "violenta" como o Rio de Janeiro), mas me lembro com nostalgia da reação dos iletrados em funk. Tocar aquelas fitas provocava em alguns deles uma revelação próxima da epifania. Eles me diziam: "então é isso que a minha empregada escuta sem parar"; ou então "agora eu entendo por que minha empregada chega tão cansada nos fins de semana" (alguém deveria escrever um estudo sobre as empregadas como mediadoras centrais da cultura urbana carioca). Aquilo que eu presenciava nessas palestras era uma prova conclusiva para outro debate antropológico no qual Gilberto Velho também foi uma figura central: a relação entre exotismo e familiaridade. O que é exótico nem sempre está distante. Numa grande cidade, o exótico pode morar ao lado e nunca ser familiarizado. O arrastão foi o "operador lógico" que subitamente transformou o funk exótico, num funk familiar. E como esse caso também prova: a transformação familiarizante nem sempre é uma domesticação. O funk ficou muito mais "selvagem" ao se tornar familiar.

O que mais me interessa no funk do Rio, desde o começo de meu trabalho de campo nos bailes até hoje, não é o seu aspecto que poderia ser considerado violento. De início, o que me levou a estudar os bailes foi justamente a possibilidade de um fenômeno daquela proporção existir na

cidade em que vivia sendo ignorado pelos membros dos vários grupos sociais com os quais eu convivía. A violência (apesar de referências constantes a brigas e de uma teoria da festa como jogo com a violência ser parte fundamental do meu trabalho) não foi também uma questão muito discutida pela banca que aprovou minha dissertação de mestrado nem pelos primeiros leitores, pré-arrastão, do livro (O Mundo Funk Carioca, Jorge Zahar Editor) que publicou essa dissertação. O que chamava a atenção dos leitores eram outros aspectos daquilo que chamei de mundo funk carioca. As resenhas e matérias que saíram na imprensa na época da publicação do livro (1988) ilustram o que tento dizer. A revista Isto É resumia meu trabalho como: "leitura agradável sobre o mundo dos disc-jóqueis e dos ritmos de base negra, que alegrem os bailes da periferia carioca." (8/6/1988) A Veja iniciava sua matéria (sem assinatura) com um preâmbulo que hoje seria dispensável: "Quase todos os brasileiros que já ouviram a palavra funk a associam, com maior ou menor precisão, a um gênero de música americana [...] Para uma parcela considerável da juventude carioca, funk é bem mais que isso - é uma palavra mágica sob a qual se abriga um ritual. Esses jovens [...] formam uma comunidade com códigos de conduta próprios na maneira de se vestir, falar, se divertir e namorar." (11 de Maio, 1988) É preciso deixar explícito: o jornalista não falou de brigar. A matéria do Jornal do Brasil fala de violência em apenas uma única frase: "Às vezes a excitação é tanta que se converte em briga." Isso depois de dizer que o objetivo do dançarino "é um só: gastar energias, suar, ficar numa boa." E descreve a saída de um baile com os seguintes termos: "todos voltam para casa, fazendo barulho nos ônibus, gritando nas ruas. São onze horas, todo mundo trabalha na segunda-feira. É hora de descansar. O baile gozou." (11/5/88) Não parece o mesmo Jornal do Brasil (é claro, estou simplificando as coisas para tornar mais claro meu argumento - sei que um jornal não é homogêneo) que quase seis anos depois publicava outra matéria com o título "Galera funk mata rival a tiros dentro do ônibus"(21/1/94) ou que lista entre as "Ameaças das favelas" (título de um editorial publicado em 5/2/94) os seguintes "perigos" que não param de crescer: "Tiroteios, guerras de quadrilhas, bailes funks, lixo lançado para baixo, invasão das reservas florestais, desrespeito à propriedade particular, tudo se avizinha do delírio." Mudou o Jornal do Brasil? Mudaram os funkeiros? Ou mudou a maneira com a qual determinados grupos sociais do Rio (entre eles aqueles dos jornalistas) preferem ver e se relacionar com os bailes funk? O baile, depois do arrastão, passou a ser visto como um fenômeno, antes de qualquer coisa, violento. A violência, e não a diversão, se transformou na sua principal marca, e os funkeiros foram

estigmatizados.

A facilidade como que a estigmatização do funk aconteceu pode nos dar algumas lições. Mais uma vez: como isso aconteceu (da ignorância mais ou menos total à maior ou menor criminalização do fenômeno)? Quais foram os agentes principais dessa transformação? Que grupos sociais (e seus diferentes interesses) estiveram envolvidos na criação dessa nova imagem - violenta - do funk? E o que, no funk, tornou mais fácil a aplicação da nova imagem? Não tenho respostas para todas essas perguntas. Uma série de pesquisas (trabalhosas: pois, de início, envolvem muitos grupos sociais diferentes - jornalistas, políticos, policiais, favelados, donos de equipes de som, etc, cada um deles exigindo metodologias diferentes para serem estudados) seria necessária para começar a ter uma idéia mais precisa sobre como tudo aconteceu e quais são as versões divergentes sobre esses acontecimentos. O que é possível, agora, é apenas sugerir alguns pontos que não deveriam ser esquecidos na condução dessas pesquisas.

O fato de não haver uma familiaridade, para voltar a usar esse termo, com o funk facilita sua demonização. Correndo o risco de fazer uma generalização precipitada, acho plausível afirmar que o grau de "exotismo" de um fenômeno social é uma função quase direta da possibilidade de vê-lo transformado em estereótipo por grupos para os quais esse fenômeno é considerado exótico. Por exemplo: a realidade das boates de zona sul freqüentadas pela classe média é mais familiar para jornalistas, geralmente também originários da classe média, que muitas vezes escrevem sobre crimes que aí acontecem. Sendo assim, é mais difícil que participem da criação de uma imagem dessas boates como antros criminosos. O desconhecimento tanto de jornalistas como de leitores, para continuar falando da mídia impressa - que teve um papel decisivo na imagem que muitos grupos sociais cariocas hoje têm do funk, criou as condições necessárias para a fixação da imagem violenta (mas poderia ter sido qualquer outra imagem, mais ou menos fiel à complexidade da realidade) do baile funk.

Um bom tema para investigação seria tentar perceber como se desenvolveu essa distância (simbólica ou não) e esse desconhecimento entre grupos de elite e grupos das classes populares do Rio de Janeiro, distância/desconhecimento que fizeram do funk - apesar de todo seu barulho - uma música inaudível durante mais da metade de seus 25 anos de existência e popularidade na cidade. As formas de interação entre elite e classes populares são muito variadas e tomam feições muito diferenciadas dependendo da época histórica ou mesmo do bairro onde ocorre. Essas relações quase

sempre dependem da existência de mediadores que circulam entre os vários grupos sociais colocando em contato diferentes visões de mundo. Acredito que o papel desses mediadores, no Rio de Janeiro do início deste século, foi decisivo para, por exemplo, a transformação do samba - uma música que também poderia ter adquirido uma imagem principalmente violenta - em símbolo nacional brasileiro. O funk foi "incapaz" de produzir seus mediadores. Ou melhor, a realidade social do Rio de Janeiro, com suas divisões cada vez mais intransponíveis entre asfalto e morro, entre zona sul e zona norte, não favorece (para usar uma palavra educada) a criação de instâncias mediadoras.

As coisas ficariam nesse nível de grupos separados e ignorantes uns dos outros se a realidade social não fosse muito mais complexa e surpreendente do que mandam as cartilhas de um certo planejamento urbano multicultural. É claro que a mediação cultural é cada vez mais difícil de acontecer numa cidade que vive sob o tratamento de choque separatista do atual Rio de Janeiro. Mas acredito, e essa é uma profissão de fé tanto teórica quanto política, que as instâncias mediadoras (e os mediadores) são imprescindíveis em regime de complexidade social e heterogeneidade cultural. Novas mediações são criadas a todo instante, onde menos se espera. Quando a mídia não perdia uma oportunidade de bombardear o funk, sua mais querida estrela, logo ela - a Xuxa, fazia um trabalho "de base", tornando o funk popular entre as crianças mais abastadas da Zona Sul da cidade, penetrando até naqueles condomínios que foram construídos para evitar, com guaritas e os mais novos recursos de vigilância eletrônica, o contato com o lado "violento" do Rio. É preciso evitar outros estereótipos, outras simplificações e esquematizações sobre a realidade social: nem a mídia é uma entidade homogênea, nem a elite, nem o povo também o são. Há opiniões, visões de mundo, estilos de vida diferentes em cada um desses grupos. E o editorialista do Jornal do Brasil que lista o baile funk ao lado do lixo e dos traficantes das favelas pode desconhecer que seu filho faz parte do fã-clubes do DJ Marlboro. O exótico pode viver dentro dos quartos de nossos familiares, bem ao lado dos nossos próprios quartos.

Do outro lado do túnel, ou da cidade partida, os próprios funkeiros também não são uma entidade homogênea. Há posições divergentes entre eles no que diz respeito a visão dos bailes como ambientes violentos ou produtores de violência. No início do meu trabalho de campo nos bailes, eu não tinha nenhum medo de freqüentá-los, talvez por ignorância ou otimismo incurável. Mas quando comecei a ficar amigo de alguns funkeiros, logo passei a ter toda espécie de receios. Eles gostavam de me passar uma imagem violenta dos bailes, talvez para serem "sinceros", talvez para me assustar,

talvez porque a imagem violenta seja atraente para determinados tipos de "subculturas" urbanas (não é por acaso que o grupo de rock brasileiro Legião Urbana gravou uma música chamada Baader-Meinhoff Blues que contém o seguinte verso: "A violência é tão fascinante / E nossas vidas são tão banais"). Talvez os funkeiros não esperassem que os outros grupos sociais cariocas fossem acreditar nessa ou divulgar essa imagem (quantos jovens são "valentões" só por performance?) e usá-la contra seu principal divertimento. O feitiço se voltou contra os feiticeiros (e a antropologia nos ensinou a relacionar a eficácia simbólica com muitos tipos de feitiçaria). Desfazer o feitiço é uma tarefa muito complexa: vide a quantidade de raps que hoje tentam provar para o mundo que o baile não é, ou não deve ser, violento. Mesmo que os bailes "de briga" continuem a ser extremamente populares.

A relação dos bailes com diversas formas de conflito social é óbvia. Na pista de dança, há o conflito jovem/adulto, o conflito homem/mulher, o conflito charme/balanço, e tantos outros. Há principalmente conflitos entre as galeras, e o baile é um espaço importantíssimo para construção da identidade dessas galeras, em oposição/contraste com outras galeras. Todo tipo de festa envolve muitos conflitos, mais ou menos latentes, mais ou menos aparentes. Assim como todo o resto da vida social. Se esses conflitos vão se tornar violentos, ou se vão passar a ser vistos como violentos, essa - e foi só para isso que tentei chamar a atenção durante toda esta minha fala - é uma outra longa história.